

NOS RETRATOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: *BULLYING*, UMA FORMA ESCOLAR DE VIOLÊNCIA

Elizabeth Rocha de Carvalho Oliveira

Professora de Psicologia da Educação e Pesquisadora do UNIFOR-MG

Ana Patrícia Ferreira

Mírian Resende Costa

Acadêmicas do Curso de Pedagogia do UNIFOR-MG

RESUMO

O termo *Bullying*, de origem inglesa, foi adotado por diversos países para definir um conjunto de atitudes agressivas, repetitivas e intencionais, que têm como alvo uma mesma pessoa, vista como mais fraca na relação. Este ensaio tem o objetivo de analisar, criticamente as referências bibliográficas sobre o *Bullying*, seu histórico, as características e consequências dos envolvidos, a maneira como deve ser trabalhado pela escola e sua importância para a Pedagogia e educadores. Atualmente, devido à sua disseminação na escola e sociedade, é imprescindível no meio acadêmico uma abordagem séria e profunda deste tema, a fim de se buscar estratégias de intervenção, e principalmente, evitar que o *Bullying* se instale até mesmo na universidade e afete, os sujeitos e a instituição escolar, muitas vezes, irremediavelmente.

Palavras-chave: *Bullying*. Psicologia da educação. Violência escolar. Formação de professores. Gestão escolar.

IN PICTURES OF SCHOOL VIOLENCE: BULLING, A FORM OF VIOLENCE

ABSTRACT

The term "*Bullying*" of British origin, was adopted by several countries to define a set of aggressive attitudes, repetitive and intentional, which target the same person seen as weaker, relationship. This essay aims to critically examine the references about *Bullying*, its history, characteristics and consequences of those involved, the way must be worked out by the school and its importance to the pedagogy and educators. Currently, due to its spread in schools and society is essential in the academic, a serious and comprehensive approach to this issue in order to seek intervention strategies, and primarily to prevent that *Bullying* installs itself even at the university and affect the subjects and learning institutions, often irreparably.

Keywords: *Bullying*. Educational Psychology. School Violence. Teacher Education. School Management.

1 INTRODUÇÃO

No universo da Psicologia da Educação, os problemas relacionados à violência escolar se fazem presentes, pois o modo de vida do século XXI trouxe à tona elementos que, antes, não eram tão

percebidos ou tão evidenciados como na atualidade, no que se refere ao cotidiano escolar e à sociedade em geral, tais como: agressões entre docentes e discentes, violência dentro e fora do ambiente escolar, desigualdades sociais, pressões sociais, preconceito entre estudantes, entre outros. Dessa forma, percebe-se que esses fatores influenciam e contribuem na mudança da realidade escolar dos dias de hoje, em relação ao ambiente escolar no passado.

Os estudos sobre a violência escolar nem sempre abordam toda a problemática gerada a partir desse tipo de conduta, que implica numa relação desigual de poder entre os envolvidos. Quando essa convivência abrange situações de humilhação, insultos, ameaças, repressões, depreciações, de maneira intencional e repetida, sem nenhum motivo aparente, e, com isso, causando intimidação e acarretando sofrimento e angústia ao outro, compreendemos que se trata de *Bullying*, um problema mundial, presente em instituições escolares e em outras instâncias da sociedade. É um fato concreto, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição. Assim, pode manifestar-se em instituições urbanas e rurais, públicas e particulares, não sendo monopólio de uma classe social específica ou zona geográfica.

O termo “*Bullying*” refere-se a atitudes agressivas, repetitivas, intencionais e que têm como alvo uma mesma pessoa, vista como mais fraca nessa relação. Tem consequências muito graves, tanto para a vítima quanto para o agressor. O vitimado pode ter problemas que se manifestam na vida familiar, no trabalho e em sua saúde física e mental. Já o agressor poderá se tornar um delinquente, uma pessoa de difícil convivência, causando danos à sociedade.

Diversos autores concordam que o fenômeno *Bullying* ainda é muito pouco estudado no Brasil. Dentre os estudos encontrados, destacam-se o “Programa Educar para a Paz”, coordenado por Cleo Fante, pesquisadora que investiga, há bastante tempo, a questão da violência nas escolas brasileiras, dedicando-se, especialmente, ao estudo do fenômeno *Bullying* e o “Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes”, realizado pela ABRAPIA-Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, que conta com o patrocínio da PETROBRAS e visa diagnosticar e implementar ações efetivas para a redução do comportamento agressivo entre estudantes de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, com o objetivo de sensibilizar educadores, famílias e sociedade para a existência do problema e suas consequências, buscando despertá-los para o reconhecimento do direito de toda criança e adolescente a frequentar uma escola segura e solidária, capaz de gerar cidadãos conscientes do respeito à pessoa humana e às suas diferenças.

Por outro lado, constatou-se que começaram a surgir sites, livros, filmes e artigos científicos que tratam do tema, muitas secretarias estaduais de educação criaram cartilhas elucidativas que orientam seus educadores sobre o tema, demonstrando, assim, uma preocupação atual com o fenômeno. Entretanto, não se tem observado nenhuma iniciativa por parte do estado de Minas Gerais e também não

se tem conhecimento de estudos nas escolas de Formiga, fazendo deste trabalho um importante meio para discussão do assunto.

É nesse contexto de violência que o presente estudo tem por objetivo discutir esta temática emergente na formação de professores e propor uma reflexão que auxilie na busca de soluções para lidar com esse tipo de agressão, cada vez mais comum dentro do espaço escolar. Pretende-se, portanto, sensibilizar e alertar educadores, famílias e sociedade em geral para a existência deste fenômeno, mostrando suas várias facetas e consequências, a fim de que seja reconhecido o direito a toda criança e adolescente de desfrutar de um ambiente seguro e solidário.

É, portanto, no bojo da discussão a respeito de uma forma pontual de violência, muitas vezes velada e sutil, que se insere o interesse deste estudo, que, busca agregar elementos novos ao analisar essa prática na escola, na sociedade e o papel do docente frente a tal realidade.

É importante salientar que um olhar criterioso sobre o fenômeno do *Bullying* representará na transformação da escola em um ambiente saudável e de verdadeira promoção do ser humano. As circunstâncias em que surgiu, as formas com que se apresenta e suas consequências funestas fizeram atentar para a importância de um estudo que verifique, ainda que não todos os matizes implicados na sua complexa rede social, ao menos parte desse universo.

A metodologia utilizada foi a bibliográfica, em que buscou-se, por meio de fontes científicas diversas, uma interlocução com obras, estudos e autores, a fim de melhor elucidar o tema, entender as suas nuances e sua perversa manifestação no ambiente escolar.

Contudo, acredita-se que uma série de outros trabalhos, sob novos olhares, se fazem necessários para aprofundar as perspectivas apontadas, reconhecendo seus alcances e limitações. Com isso, o meio educacional poderá avançar de uma série de incompreensões, circulando na área, ainda nova e carente de discussão e sistematização teórica, para uma contribuição visando à efetivação de uma educação comprometida com a promoção de aprendizagens aliada à oferta de um ambiente saudável e democrático para as crianças e adolescentes brasileiros.

2 CONCEITUAÇÃO DE BULLYING

O *Bullying* é um termo encontrado na literatura psicológica anglo-saxônica, que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, em estudos sobre o problema da violência escolar. Sem um sinônimo equivalente na língua portuguesa, define-se universalmente, como “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”. Insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida

de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *Bullying*.

Estudiosos do *Bullying* declaram que este é um fenômeno tão antigo quanto a escola, mas que, apesar de os educadores terem consciência disso, poucos esforços foram despendidos para a sua resolução, até princípios da década de 70. Foi nessa década que surgiu, primeiramente na Suécia, o interesse pela problemática entre agressor e vítima, que logo se estendeu pelos demais países escandinavos.

Já para a ABRAPIA, “tudo teve início com os trabalhos do professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti BULLYING nas escolas norueguesas”. Sabe-se que o fenômeno *Bullying* ocorre em diversos espaços e se manifesta de diferentes maneiras. Porém, este trabalho limita-se a analisar este fenômeno dentro do espaço escolar, não deixando de levar em conta as variáveis externas, as quais repercutem, diretamente, na escola.

Lopes Neto (2005, p. 165) ressalta que não se pode admitir que crianças e adolescentes sofram, dentro da escola, violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, que testemunhem este tipo de situação e se calem, por medo de represálias, ou classifiquem-nas como banais, ou, pior ainda, que adotem comportamentos agressivos, em decorrência da omissão e tolerância dos adultos.

Oliveira e Votre (2006, p. 177) relatam que:

é comum vermos no espaço escolar a manifestação de agressão, talvez mais acentuada hoje do que se observava há algumas décadas, quando a escola era regida com base na ordem e disciplina, nas sanções e punições. O que se via nas escolas dessa época era o que Foucault (2003) chamava *corpos dóceis*, no sentido de que os corpos eram transformados pelas instituições, através de um disciplinamento sistemático, o que não quer dizer que eram todos corpos obedientes, como diz Veiga-Neto (2004), pois que nem todos são igualmente disciplinados, embora o poder seja imposto a todos, sendo que a cada corpo e a cada saber, este poder se manifesta de uma forma particular.

Atualmente, de acordo com esses autores, a escola está mais atenta aos direitos dos alunos, deixando a questão da violência em segundo plano, uma vez que o sistema educacional está sendo mais controlado, devido à consciência dos direitos pela comunidade discente.

Lopes Neto (2005, p. 165) cita quatro documentos legais que formam a base de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: a Constituição da República Federativa do Brasil, o Código Penal, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. “Em todos esses documentos, estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania”.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, sendo punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

Oliveira e Votre (2006) observam o lado irônico do estatuto, pois a lei protege as crianças e adolescentes de comportamentos agressivos que se dão verticalmente, enquanto que as maiores barbaridades ocorrem entre os colegas.

Por outro lado, Fante (2005) e Guareschi e Silva (2008) relatam que, na Noruega, o *Bullying* já é, há muito tempo motivo, de preocupação por parte de professores e pais, além de figurar sempre nos meios de comunicação, porém, sem que as autoridades educacionais se comprometam de forma oficial. O tema só passou a ser tratado com a seriedade que ele exige quando um jornal, em 1982, noticiou o suicídio de três crianças, com idades entre 10 e 14 anos, no norte da Noruega, provavelmente, motivado pela situação de maus-tratos a que eram submetidas pelos colegas de escola. A repercussão foi tão alarmente, que atingiu todos os meios de comunicação e a população em geral e despertou a atenção das instituições de ensino ao ponto do Ministério da Educação da Noruega, em 1983, fazer uma campanha nacional contra os problemas entre agressores e vítimas.

A partir desse fato, os estudiosos concordam que Dan Olweus foi quem iniciou os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, diferenciando-o de outras possíveis interpretações que não caracterizassem o *Bullying*.

Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa sobre a prevenção do *BULLYING* foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento adotado foi o uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do *BULLYING*, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas. (ABRAPIA, 2003).

O estudo de Olweus constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *Bullying*, seja como agressor ou como vítima. Essa constatação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de *Bullying* nas escolas. A sua repercussão em outros países, como Reino Unido, Canadá e Portugal, foi sentida através da criação de campanhas de intervenção a esse tipo de comportamento.

Quanto à sua classificação, Lopes Neto (2005, p. 166) classifica o *Bullying* como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. São considerados *Bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. Já o *Bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

Guareschi e Silva (2008, p. 51) concordam com este tipo de classificação, mas ressaltam que as atitudes que caracterizam o *Bullying* indireto “(...) são tão importantes e carecem de tanto cuidado quanto as agressões físicas, pois também podem causar danos psicológicos e graves conseqüências (...)”.

Além dessa classificação, Guareschi e Silva (2008) ainda subdividem o *Bullying* em diferentes formas, através das quais ele é praticado: verbal (os autores agridem a vítima através de palavras);

violência física (ataques físicos direcionados, repetidamente, a uma mesma pessoa, seja contra seu corpo ou algo que lhe pertença); comportamentos maldosos contra uma mesma pessoa; ressalta, ainda, uma forma mais atual e sofisticada, denominada cyberBullying (violência virtual, que utiliza de meios eletrônicos para a prática de Bullying) e, ainda, o Bullying homofóbico, contra pessoas de opção sexual diferente daquela que a sociedade preconiza como normal ou esperada num dado indivíduo.

As iniciativas que os pesquisadores tomaram em busca do conhecimento desse fenômeno se deram devido ao número elevado de suicídios entre crianças e adolescentes na Europa, fato que impulsionou esses estudiosos a detectarem as principais causas dessa fatalidade, encontrando, assim, entre elas, os maus-tratos praticados por parte dos companheiros da escola. Daí, originou-se outra manifestação, com origem nas consequências perversas do Bullying, o bullycídio. Vale lembrar que, segundo os fundamentos da Psicanálise, quem suicida quer livrar-se da dor, e não da vida.

Constatou-se, então, que se tratava de um tipo de comportamento que afeta, profundamente, o desenvolvimento psicossocial dos envolvidos, principalmente da vítima, solicitando, assim, uma rápida e eficaz intervenção, por parte da família e escola.

3 FORMAS DE ENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES

As crianças e adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas, de acordo com sua atitude diante de situações de Bullying. Não há evidências que permitam prever qual papel adotará cada aluno, uma vez que pode ser alterado de acordo com as circunstâncias.

Fante (2005) classifica os tipos de papéis desempenhados pelos envolvidos no fenômeno em: vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor e espectador. A partir desse estudo, apresentaremos uma análise sintética acerca do papel exercido pelos protagonistas do Bullying:

- a) **a vítima típica** : é aquela que serve como bode expiatório para um grupo. Apresenta como características mais comuns: aspecto físico mais frágil, medo de que lhe causem danos ou de ser fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas e coordenação motora deficiente (especialmente entre os meninos); extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. A autora ainda diz que a vítima típica sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta, no geral, não agressiva, motivo pelo qual se torna “presa fácil” para o agressor cometer seus abusos;
- b) **a vítima provocadora**: é aquela que provoca e atrai reações agressivas para si mesma, mas não consegue lidar contra essas reações de forma eficiente. Ela tenta brigar ou atacar quando é insultada, mas não age de forma eficaz; pode ser inquieta, ofensora,

dispersiva. De maneira geral, é imatura e responsável por causar tensões nos ambientes que frequenta;

- c) **a vítima agressora:** reproduz os maus-tratos sofridos. Por ter passado por situações de sofrimento, tende a buscar pessoas mais frágeis que ela para descarregar os maus-tratos sofridos. Esse tipo de comportamento tem feito com que o número de vítimas se expanda, sendo uma tendência que tem se evidenciado entre as vítimas;
- d) **o agressor:** é o indivíduo que vitimiza os mais fracos. Costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia, membro de uma família desestruturada, na qual há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais oferecem o exemplo de comportamentos agressivos e violentos para solucionar conflitos. O agressor, normalmente, é mais forte do que suas vítimas; pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho que as vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas (principalmente no caso de meninos). Sente necessidade de dominar e subjugar os outros, é impulsivo e tem baixa resistência às frustrações. Custa a adaptar-se às normas, não tolera ser contrariado; é considerado malvado; adota condutas anti-sociais. Seu rendimento escolar pode ser normal ou estar acima da média, nas séries iniciais; mas nas demais séries, ainda que não necessariamente, obtém notas mais baixas e toma atitudes negativas com relação à escola;
- e) **o espectador:** são os alunos que presenciam o *Bullying*, mas não o sofrem nem o praticam. Normalmente, eles se calam frente ao problema, por medo de serem a próxima vítima. Mesmo que não sofram as agressões diretamente, podem se sentir incomodados com o que presenciam e inseguros sobre o que fazer. Alguns reagem negativamente, uma vez que seu direito de estudar em um ambiente seguro e solidário está sendo violado. Isto pode influenciar, de forma prejudicial, seus desempenhos acadêmico e social.

Pôde-se perceber, nos vários estudos pesquisados, que os autores concordam com a caracterização feita por Fante (2005), dos agressores e espectadores, ainda que, nesses outros estudos, os agressores também sejam denominados autores e os espectadores chamados de testemunhas. O que mais difere os estudos de Fante dos demais é a caracterização das vítimas, na qual ela define três tipos: típica, provocadora e agressora. Pôde-se perceber, nos outros estudos, que a caracterização da vítima, ou alvo, se baseia na vítima típica. Já a vítima agressora corresponde ao alvo/autor de *Bullying* da ABRAPIA (2003) e de Lopes Neto (2005, p. 168). Portanto, Fante contribui ao acrescentar a definição de vítima provocadora.

E como ficaria a autoestima de um aluno afetado pelo *Bullying*? De acordo com a ABRAPIA (2003), a baixa autoestima dos alvos:

é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com frequência, ou abandonam os estudos. Há jovens com depressão acabam tentando ou cometendo o suicídio.

E o perfil de quem pratica o *Bullying*? Quanto aos autores, Lopes Neto (2005, p. 167) salienta que são “*menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absentismo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar)*”. As possibilidades aumentam em crianças ou adolescentes que têm condutas antisociais antes da puberdade e por longo tempo. Eles podem manter um grupo em torno de si mesmos, para auxiliá-los em suas agressões ou para indicar alguém do grupo para agredir o alvo. Assim, eles diluem a responsabilidade para todos do grupo ou transferem-na para seus elementos. Os seguidores raramente tomam a iniciativa da agressão, mas se subordinam ao autor para se protegerem ou pelo prazer de pertencerem ao grupo dominante.

Lopes Neto (2005, p. 168) classifica as testemunhas como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão).

Muitas testemunhas acabam acreditando que o uso de comportamentos agressivos contra os colegas é o melhor caminho para alcançarem a popularidade e o poder e, por isso, tornam-se autores de *Bullying*. Outros podem apresentar prejuízo no aprendizado, receiam ser relacionados à figura do alvo, perdendo seu *status* e tornando-se alvos também; ou aderem ao *Bullying* por pressão dos colegas.

O autor acrescenta que a interferência das testemunhas para cessar o *Bullying* costuma ser efetiva, na maioria dos casos. Por isso, é importante esclarecer às testemunhas quanto ao poder que elas têm nas mãos: ao não darem apoio aos autores, eles se sentiriam desamparados, sem o apoio social necessário.

No levantamento realizado pela ABRAPIA, em 2002, envolvendo 5875 estudantes de 5^a a 8^a séries, de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, 40,5% dos alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de *Bullying* naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de *Bullying*. (ABRAPIA, 2003).

Ainda de acordo com esse levantamento, pôde-se observar que, em relação à questão de gênero, os meninos estão mais envolvidos com o *Bullying*, tanto como autores quanto como alvos. Já entre as meninas, o *Bullying* também ocorre, embora com menor frequência, e se caracteriza pela exclusão ou difamação.

Por fim, destaca-se que, segundo Fante (2005, p. 189), as causas desse tipo de comportamento abusivo são inúmeras e variadas: *deve-se à carência afetiva, à ausência de limites e ao modo de afirmação de poder e de autoridade dos pais sobre os filhos, por meio de “práticas educativas” que*

incluem maus tratos físicos e explosões emocionais violentas. Nesses estudos, constata-se que 80% daqueles classificados como “agressores” atribuíram como causa principal do seu comportamento a necessidade de reproduzir contra outros os maus tratos sofridos em casa ou na escola.

4 IMPORTÂNCIA DO TEMA PARA A FAMÍLIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Crianças e adolescentes, ao entrarem na escola, desde a mais tenra idade, têm necessidade de participar do processo de socialização inerente ao contexto escolar. Isso se justifica na medida em que eles precisam se auto-afirmar perante os grupos sociais presentes e formar círculos de amizade dentro da escola.

A inserção em grupos sociais, a necessidade de auto estima e a aceitação fazem parte do cotidiano de crianças e adolescentes. Precisam de auto afirmação e a buscam na escola. É nesse momento que ela deve estar atenta, pois ocorrem grandes frustrações quando os jovens são rejeitados. (GUARESCHI; SILVA, 2008, p. 77)

A escola, por meio de seus educadores, tem um papel muito importante para que a socialização ocorra de forma saudável, sem que os alunos se sintam rejeitados pelos colegas. Fante (2005, p. 185) fala que a socialização na escola deveria estar centrada no princípio da equidade, segundo o qual todos têm o mesmo direito. O propósito deste princípio é igualar as discrepâncias e diferenças existentes na sociedade. No entanto, esse objetivo, que deveria ser atingido na escola, acaba não sendo alcançado, uma vez que se confunde equidade com homogeneidade. Ou seja, os alunos acabam sendo tratados como se fossem iguais, não sendo levadas em conta suas características individuais, bem como suas diferenças pessoais. A autora cita alguns exemplos, por meio dos quais esse fato pode ser notado: a metodologia empregada na aprendizagem, a forma de abordar e tratar os conflitos pessoais, a atenção que os professores dispensam aos seus alunos, demonstrando favoritismos por uns e indiferença a outros e a maneira com que apresentam soluções sem considerar as diferenças individuais.

Guareschi e Silva (2008, p. 77) afirmam que a escola deve priorizar a conscientização geral de seus alunos e estimulá-los ao engajamento em projetos *antiBullying*. Também deve-se encorajar os alunos a participar de intervenções que promovam a supressão de atos que caracterizam o *Bullying*, para mostrar aos autores que eles não terão nem o seu apoio nem a sua omissão.

Diversos autores concordam com a criação de projetos *antiBullying* por parte da escola, como sendo uma forma eficaz de intervir nesse fenômeno. Dentre tais projetos, destacam-se o “Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes”, da ABRAPIA, e o “Programa Educar para a Paz”, de Fante. Esses projetos têm como pontos comuns: o diagnóstico do fenômeno na escola, a sensibilização da comunidade escolar para a existência do problema e suas consequências, a

implementação de estratégias que visam intervir no fenômeno *Bullying* e sua prevenção. Sobre estes aspectos, Fante (2008, p. 18) diz:

acreditamos que não bastam medidas inibidoras da ação violenta, e sim educar para que a ação violenta dê lugar à ação construtiva. Nossa idéia parte do princípio de que as escolas devem facultar aos alunos o conhecimento e a reflexão sobre a existência do fenômeno *Bullying* e suas consequências na sua própria realidade escolar, isto é, que eles aprendam quais são as atitudes que favorecem o desenvolvimento do comportamento *Bullying* e como evitá-lo, transformando a escola num ambiente pacífico e que estimule o bom relacionamento socioeducacional.

A ABRAPIA (2003) completa as idéias de Fante, ao destacar que sua intenção é sensibilizar educadores, famílias e sociedade para a existência do problema e suas consequências, buscando despertá-los para o reconhecimento do direito de toda criança e adolescente a frequentar uma escola segura e solidária, capaz de gerar cidadãos conscientes do respeito à pessoa humana e às suas diferenças.

Ainda segundo Guareschi e Silva (2008, p 22),

os pedagogos insistem que a escola tem obrigação de alertar os pais para problemas enfrentados pelos filhos. Estes devem sentir-se acolhidos e protegidos, a fim de ficarem à vontade para conversar a respeito dos problemas que aparecem. Dessa forma, evitam-se castigos e outras práticas punitivas, estimulando uma troca de informação clara e sem fins de repressão entre aluno e escola.

Portanto, a escola, por meio de seus educadores, além de ter um papel muito importante na educação de seus alunos, tem também a missão de detectar e informar os pais do que se passa dentro de seus muros, para que saibam agir com seus filhos de maneira adequada, uma vez que a educação dada em casa pode se refletir na escola. Assim, os pais se sentem mais envolvidos e estarão mais atentos para uma escuta sensível diante dos sintomas apresentados pelo (a) filho (a).

Guareschi e Silva (2008) falam da importância da escola procurar apoio e manter um contínuo e intenso intercâmbio com outras instituições, como centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social.

Diante de um ambiente de tensão, mesmo não sofrendo diretamente as agressões, os espectadores podem se tornar inseguros e temerosos. Toda essa situação de opressão é traumatizante e algumas testemunhas reagem, negativamente, perante a violação do seu direito de aprender num espaço seguro e solidário.

Fante (2005, p. 81) conclui que “o fenômeno *Bullying* passou a ser considerado como um problema de saúde pública, devendo ser reconhecido pelos profissionais de saúde em razão dos danos físico emocionais sofridos por aqueles que estão envolvidos nele.” Portanto, esse fenômeno merece a atenção de toda a comunidade escolar, pois, como foi visto, tal prática não afeta somente quem sofre o ato, mas todos os envolvidos, direta ou indiretamente, além de seus efeitos atingirem todos os aspectos da constituição humana, como os físicos, psicológicos, afetivo, sociais e éticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Bullying* é um fenômeno que vem alcançando proporções internacionais; porém, ainda é pouco estudado no Brasil. Apesar disso, esses atos agressivos, repetitivos, intencionais, impelidos por uma pessoa mais forte a uma mais fraca, vêm se alastrando pelas escolas brasileiras, mesmo que não notificado oficialmente.

Por isso, é que se faz necessária a divulgação e informação, através de processos de formação continuada à comunidade escolar, sobre o que se trata esse fenômeno, pois, uma vez “contaminada” a escola, seus reflexos serão sentidos por todos aqueles que frequentam tal ambiente: alunos, professores, pais, gestores, etc.

Para que a prática do *Bullying* cesse nas escolas, é necessário não só buscar formas de combatê-la, mas, principalmente, procurar estratégias de prevenção. Para isso, é necessário que a escola intervenha, de maneira eficaz, ao criar programas *antiBullying*, ciclos de debates e palestras para as famílias e estudantes, que tenham como objetivo principal a educação para a paz, a solidariedade, a cidadania e o respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAPIA. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>>. Acesso em: 28 fev. 2009.
- ALVES, R. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas: Verus, 2005.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, DF: Senado Federal, 2001.
- _____. **Código penal**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GUARESCHI, P. A.; SILVA, M. R. (Coord.). **Bullying: mais sério do que se imagina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, Rio de Janeiro, v.81, n. 5, suplemento, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/jped/d81m5s0/b81m5sa06.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2009.
- OLIVEIRA, F. F. de; VOTRE, S. J. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 02, p. 173-197, maio/ago. 2006.